

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”  
Instituto de Artes

TAINÁ ALVES CUSTÓDIO

**CAMINHOS DE MÃOS:  
libras como forma de acesso à arte**

São Paulo

2022

TAINÁ ALVES CUSTÓDIO

**CAMINHOS DE MÃOS:  
libras como forma de acesso à arte**

Trabalho de conclusão de curso, apresentado como requisito para a conclusão do curso de Licenciatura em Artes Visuais pelo Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, para obtenção dos títulos de Bacharel e Licenciada em Artes Visuais.

Orientadora: Profa. Dra. Rita Luciana Berti Bredariolli

São Paulo

2022

Ficha catalográfica desenvolvida pelo Serviço de Biblioteca e Documentação do Instituto de Artes da Unesp. Dados fornecidos pelo autor.

C987c Custódio, Tainá Alves, 1999-

Caminhos de mãos: libras como forma de acesso à arte / Tainá Alves Custódio. - São Paulo, 2022.

42 f. : il. color.

Orientadora: Profa. Dra. Rita Luciana Berti Bredariolli

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Artes Visuais) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Artes

1. Língua brasileira de sinais. 2. Surdos – Educação inclusiva. 3. Arte - inclusão. I. Bredariolli, Rita Luciana Berti. II. Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes. III. Título.

CDD 707

responsável: Mariana B. Gasparino - CRB/8 7762

TAINÁ ALVES CUSTÓDIO

**CAMINHOS DE MÃOS:  
libras como forma de acesso à arte**

Trabalho de conclusão de curso, apresentado como requisito para a conclusão do curso de Licenciatura em Artes Visuais pelo Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” para obtenção do título de Licenciada e Bacharel em Artes Visuais.

Orientadora: Profa. Dra. Rita Luciana Berti Bredariolli

Trabalho aprovado em: 14/01/2022

**Banca Examinadora:**

---

Profa. Dra. Rita Luciana Berti Bredariolli

UNESP - Orientadora

---

Prof. Mestre Alexandre Gomes Vilas Boas

UNESP

## **Agradecimentos**

Gostaria de agradecer em primeiro lugar ao meu tio Marcos, pela convivência que me fez perceber a necessidade de aprender Libras.

À professora Rita, pela cautela e companhia poética, exemplo de educadora a seguir, além de fortalecer a vontade de continuar a pesquisa e motivação para sempre aprender e compartilhar, fazendo as manhãs mais felizes.

À minha mãe, pela formação do meu olhar crítico e de percepção das subjetividades, assim como pelas discussões e leituras compartilhadas.

Ao meu pai, pela partilha de como é importante perceber o outro e pensar na acessibilidade e nos direitos humanos desde pequena.

À Lariela, amiga verdadeira, que me deu forças a enfrentar um trabalho de conclusão de curso em meio a uma pandemia.

À Jéssica, por ter me contado com acolhimento a história do Pivô e sobre as iniciativas de acessibilidade da instituição.

Agradeço também a todas as outras pessoas que contribuíram para a construção e desenvolvimento dessa narrativa, assim como para a formação da artista e arte-educadora que hoje sou.

## Resumo

A pesquisa apresentada, além de expor a produção artística pessoal produzida durante seu desenvolvimento, objetiva abordar a relação entre libras e arte, partindo do entendimento de que a língua e a linguagem integram o envolvimento com a arte. Para isso, são abordadas as relações entre as palavras e as línguas, pensando o português e a língua brasileira de sinais, de modo a questionar relações de homogeneidade que podem existir na comunicação. São pensadas questões sobre normalidade e normatividade, havendo o convite para reflexão sobre palavras e seus significados, além da ponderação de como as palavras podem determinar subjetividades. Para isso, propõe-se a abordagem sobre capacitismo e clinicalização dos corpos, com foco na pessoa surda ou com deficiência auditiva, além do olhar poético sobre o movimento dos sinais em libras. Durante o desenvolvimento da pesquisa, foi realizado estágio em mediação, experiência adicionada ao trabalho, uma vez que permitiu perceber como se faz necessária a mediação em libras e presença de outros fatores de acessibilidade em instituições culturais de modo a favorecer a experiência de pessoas em espaços formais e não formais de arte.

**Palavras-chave:** Normal. Língua. Linguagem. Mediação. Surdez. Libras. Acessibilidade. Artes Visuais.

## **Abstract**

The research presented, in addition to exposing the personal artistic production produced during its development, aims to address the relationship between Brazilian sign language (libras) and art, starting from the understanding that language and expression integrate the involvement with art. Therefore, the relationships between words and languages are addressed, understanding Portuguese and libras, in order to question the homogeneous relationships that may exist in communication. Questions about normality and normativity are considered, with an invitation to reflect on words and their meanings, in addition to considering how words can determine subjectivities. Therefore, it is proposed an approach on capacitation and clinicalization of bodies, focusing on the deaf or hearing impaired person, in addition to a poetic look at the movement of signs in Libras. During the development of the research, an internship in mediation was carried out as an experience added to the work, as it allowed to understand how it is necessary to mediate in Libras and the presence of other accessibility factors in cultural institutions in order to favor the experience of people in formal and non-formal art spaces.

**Keywords:** Normal. Idiom. Language. Mediation. Brazilian Sign Language. Deafness Accessibility. Visual Art.

## Sumário

1	Introdução.....	7
2	Azul.....	9
	2.1 Sobre as diferenças e o falso padrão de normalidade.....	10
	2.2 Medicalização do corpo e capacitismo.....	15
3	Amarelo.....	20
	3.1 Língua como identidade, língua como liberdade.....	22
	3.2 Sejam bem-vindes às montanhas do silêncio.....	26
4	Vermelho.....	28
	4.1 Mãos de linhas, caminhos de mãos.....	30
	4.2 A representatividade surda nos espaços de arte, relato de experiência.....	33
5	Considerações Finais.....	36
	Referências .....	37

## 1 Introdução

Esse trabalho inicia-se num caderno, um caderno maltrapilho, costurado à mão e protegido por uma capa de papelão com suas próprias cicatrizes. Esse trabalho fez o caderno ser, mas o fez ser de verdade, carregando o caderno a sua própria subjetividade. O próprio caderno poderia ser trabalho, mas tímido e simples que é, decidiu que sua história seria contada por aqui.

Durante meses essa pesquisa percorreu diferentes caminhos, foi e deixou de ser o que parecia inicialmente, mas não deixou de ser o que poderia ser: uma escrita sobre experiências e subjetividades, sobre língua e linguagem e sobre o silêncio e a palavra. Além disso, o trabalho apresenta-se como conclusão do curso de bacharelado e licenciatura em artes visuais, pois acredito que não foi uma experiência que se separou, a artista e a arte-educadora não se separaram e compuseram esse sujeito: com experiência, subjetividade, vivência e, em consequência, com a criação artística.

A pesquisa, portanto, é composta por duas partes que se articulam, essa dissertação como parte da pesquisa escrita e uma exposição virtual como parte expositiva das obras autorais produzidas no decorrer do desenvolvimento poético e científico deste trabalho.

Cabe, em consequência, iniciar essa escrita como história, pois a história a fez possível, e como linguagem, pois a linguagem a permite comunicar. E por meio da linguagem, aproprio-me da licença poética para narrar um pouco dessa história, dizendo que essa é uma pesquisa feita durante um período longo de isolamento social devido à pandemia de Covid-19, tempo em que o silêncio se fez intenso, em mim e em muitas outras pessoas, intimidador e violento no início, libertador e potência de autoconhecimento posteriormente.

O isolamento restringiu a prática artística a qual estava acostumada na universidade, a produção se tornou mais restrita pela falta de recursos e espaço. As relações tornaram-se estritamente virtuais. O silêncio se fez intensamente presente. Durante as aulas virtuais, o bordado foi companheiro de arte e reflexão, o papel e o lápis pareciam fontes de materialidade para a consciência de que o virtual não era só o que possuíamos naqueles momentos.

A palavra também foi companheira de silêncio, pois ampliou a compreensão de que não se fazia apenas falada, mas também escrita e sinalizada por meio da língua brasileira de sinais; a aproximação com redes sociais permitiu perceber a relevância da interpretação em libras do conteúdo para acessibilizar arte àqueles que não ouvem e encontrar, assim, o tema desta

pesquisa: a língua como forma de acessar arte, pensando a libras como mediação, e a compreensão da arte como área de conhecimento que deveria ser acessível a todos.

Fez-se possível unir, então, o sinal de libras com a palavra em português em traduções visuais que se relacionam com o movimento do sinal de três cores: Azul, Amarelo e Vermelho, imagens que nomeiam o início de cada capítulo dessa pesquisa e que se apresentam no início de cada eixo da exposição virtual das obras desenvolvidas durante a pesquisa. As traduções que fiz se dão pela leitura do movimento das mãos em libras como poético e da compreensão da língua de sinais como importante meio de comunicação para pessoas surdas e com deficiência auditiva que se identificam com essa língua.

Durante esse percurso, também foi presente o questionamento sobre o significado de algumas palavras compreendidas no dicionário, pensando em como as palavras podem ser capazes de determinar subjetividades e limitar a experiência de seres. Como exemplo, a palavra “normal” se destaca nesse sentido, ao pensar em que poderia significar determinar algo como normal. O que seria uma arte dita normal ou uma língua entendida como normal? O que determina essa normalidade? O quanto nos submetemos a ela em nossos modos de existir e produzir? O quanto ela determina a nossa fala? Quem pode dizer o que é normal? Seria a normalidade um padrão hegemônico e colonial?

Como parte dessa reflexão, também foi desenvolvido, por meio da pesquisa de campo e relatos de experiência, o contato com a articulação cultural para acessibilizar arte a pessoas com deficiência e pessoas surdas, presencialmente e virtualmente, por meio da mediação durante estágio na instituição cultural Pivô - Arte e Pesquisa e consideração de experiências de pessoas surdas que se relacionam com a arte.

Desse modo, a partir da narrativa e articulação por meio do pensamento contra-hegemônico, abrem-se caminhos para a partilha desse trabalho com construção subjetiva e de articulação entre a produção artística individual e a arte-educação, entendendo-os como eixos que se completam.

Uma pesquisa que partiu de alguns rabiscos em um caderno maltrapilho e se tornou experiência.

Deixo aqui o link para acessar a exposição virtual “Morro de Mares” que compõe a produção visual da pesquisa CAMINHOS DE MÃOS - Morro de Mares do TCC de Bacharelado em Artes Visuais: <https://sites.google.com/unesp.br/morrodemares/in%C3%ADcio>

2 Azul

A - - - - -

- - - - -

- - - - - L

## 2.1 Sobre as diferenças e o falso padrão de normalidade

Nos comunicamos com palavras em grande parte do tempo, palavras faladas, escritas, sinalizadas, desenhadas, grafitadas, pixadas, pintadas; pela palavra foi-nos dada a potência da comunicação, apesar de não somente a palavra comunicar, já que podemos pensar sobre a construção que a linguagem nos permite projetar no mundo, seja por meio do corpo, da voz, da face, do sinal, do risco, da imagem, da tinta: a linguagem permeia a comunicação humana de modo a torná-lo ser social. E embora a palavra se faça comum no cotidiano de muitos, seu uso banalizado nos mostra determinada desabilidade<sup>1</sup> ao usá-las e possuí-las.

Cabe aqui dizer que a palavra a que me refiro não necessariamente se enquadra na normatividade ouvinte, mas se propõe como pertencente a qualquer grupo que se expresse por determinada língua, portanto, como pilar de referência para esse trajeto, com base no pensamento trazido na tese "Beijo de Línguas - quando o poeta surdo e o poeta ouvinte se encontram" de Cibele Toledo, nos referimos a *palavras-ouvintes* e a *palavras-surdas*, partindo da palavra como matéria e não uma oposição aos sinais usados na Libras. (TOLEDO, 2017, p.38)

A palavra se faz motor das relações e produtora de sentidos, é detentora de poder, que pode colocar em questão a autoridade imposta de determinado grupo sobre outro, pode atuar como mantenedora da relação entre colonizador e colonizado, opressor e oprimido, entre povo hegemônico e contra-hegemônico. Mariana Coyado sugere a reflexão sobre as palavras, uma vez que elas fazem parte de nosso cotidiano e integram o nosso estar no mundo em grande parte da vida; por esse uso contínuo em nossa comunicação, com frequência as usamos de forma automatizada e deixamos em falta a reflexão sobre o significado de muitas delas.

Considerando que as palavras carregam consigo significados e histórias, a reflexão sobre elas, embora continuamente esquecida, se faz necessária ainda por considerar que sua criação parte de convenções sógnicas não necessariamente empíricas, mas arbitrárias, pois, ao pensar que palavras são convenções que não necessariamente se ligam ao seu sentido fonético, ou seja, não se ligam ao som de seu objeto significante, as palavras podem adquirir certo caráter arbitrário. E se sua origem já advém de uma convenção, seu uso também pode se

---

<sup>1</sup> Termo usado por Roberto Parmeggianni em seu livro "Desabilidade", ao falar sobre faltas e déficits humanos em sua atuação na sociedade. O autor relata o uso e a escolha das palavras como importantes fatores de relações sociais: " ter consciência do valor e do poder das palavras - para o bem ou para o mal - reconhecendo nelas o poder criativo fundamental, é o primeiro passo para diminuir nossa desabilidade."( PARMEGGIANI, 2018, p.14)

tornar dominante e autoritário. A partir desse pensamento, Coyado sugere três ações perante o uso das palavras: ressignificar, rever e reinterpretar.

A abordagem sobre as palavras também é feita por Larrosa, que fala sobre como a palavra constitui o ser humano e seus pensamentos, o autor afirma que nós próprios somos palavras e que as palavras significam muito, sejam coisas que se passaram conosco, coisas que pensamos, que vivemos, sejam coisas que sentimos, que concordamos e discordamos,

por isso, atividades como considerar as palavras, criticar as palavras, eleger as palavras, cuidar das palavras, inventar palavras, jogar com as palavras, impor palavras, proibir palavras, transformar palavras etc. não são atividades ocas ou vazias, não são mero palavrório, (LARROSA, 2002, p.21)

de tal forma a entender que a palavra é matéria do estar no mundo e que, assim sendo, lutar pela reflexão sobre as palavras é muito mais do que se debruçar sobre palavras, é se interessar pelo ser e pelas suas histórias.

Desse modo, podemos pensar a palavra também como capaz de marcar pessoas, de modo a limitar suas possibilidades e ações na sociedade, com uma literal marcação de espaço que ela pode ocupar socialmente. Retomando a abordagem de como a palavra compõe o próprio ser, pode-se entender que sejam carregadas por até toda uma vida quando usadas de modo a classificar subjetividades e diferenças.

Como exemplo, faço um convite à reflexão sobre a palavra "normal". Resignificar, rever e reinterpretar o significado de normal, em seu sentido coloquial de uso, induz a pensar sobre a prevalência do estereótipo nas relações humanas, por isso, Parmeggiani nos convida a pensar sobre ele a fim de "ver além da fachada para encontrar a pessoa real atrás da imagem que, muitas vezes, achamos suficiente para categorizá-la e julgá-la"(PARMEGGIANI, 2018, p.26). Essa categorização, consiste não somente numa compartimentalização do lugar social de cada um, mas também numa estigmatização do sujeito a partir de características destoantes do que é considerado "normal" no contexto de determinada sociedade.

Continuando com o exercício de refletir sobre o significado das palavras, podemos nos perguntar, em que consiste "estigmatização" ou "estigma", qual a sua semântica? E assim podemos partir do conceito de Goffman para compreender seu significado, uma vez que o autor fala sobre a relação de percepção do indivíduo sobre o outro. Em seu pensamento existem duas categorias de identidades, uma é a identidade social virtual, cuja característica é dada pela forma que vemos o outro; a outra é a identidade social real, cujo cerne é o que a pessoa realmente é. Dessa forma, ao ter contato com o outro, atribuímos uma identidade social virtual em cima, muitas vezes, de estereótipos, em sua maioria, depreciativos quando o

outro se apresenta como diferente do que estabelecemos como “normal”, portanto, para o autor “um estigma, é então, um tipo especial de relação entre atributo e estereótipo”(GOFFMAN, 1980, p.7).

O reforço desse estereótipo potencializa a exclusão de um sujeito que poderia ter sido recebido socialmente como qualquer outro, com o reconhecimento de suas capacidades diversas, no entanto, ao possuir em si alguma característica que o diferencie dos outros, seja de ordem física, intelectual, sensitiva, étnica, de gênero ou sexual, passa a ser estigmatizado em consequência dela e ter assim suas capacidades socialmente limitadas pela sociedade, incluindo o seu reconhecimento como sujeito e a sua participação em grupos sociais, a partir do momento em que não é reconhecido como “normal”.

Começa aqui, portanto, um convite a uma reflexão atenta que iniciará a partir de duas definições da palavra “normal” presentes no dicionário online Michaelis. Definição I: “Que é comum e que está presente na maioria dos casos; habitual, natural, usual” e definição II: “Diz-se de pessoa que não tem defeitos ou problemas físicos ou mentais: Um aluno normal.”. Frente a isso, a partir da definição I, podemos questionar o que é estabelecido como natural e usual, de onde vem esse pensamento do que é natural? Por que algo que se apresenta como maioria é entendido como normal? A partir da definição II, podemos também questionar, o que determina que uma pessoa com deficiência física, sensorial, intelectual ou com transtornos mentais seja considerada o oposto de normal? Não parece violenta a diferenciação entre aluno normal e aluno não normal?

O conceito de normalidade foi naturalizado em nossa cultura, em nosso vocabulário e em nosso modo de pensar, tão naturalizado de modo que nem sempre há um questionamento profundo e atento à ação positiva ou negativa que essa palavra pode carregar, ao passo que possa significar tanto a afirmação de uma característica como construtiva ou como depreciativa e segregadora. A normalidade, segundo Carlos Skliar, encaixa-se no trabalho entre dicotomias, que foi reforçado pelo pensamento Iluminista, em que as categorias se opõem de modo binário e, conseqüentemente, maniqueísta: o bem e o mal, o claro e o escuro, o preto e o branco, o normal e o anormal. A questão aqui presente, ao pensar sobre o que é “normal”, é uma relação de poder da afirmação de um grupo sobreposta à negação de outros, o autor, ao abordar essa significação de poder, em que há essa ação da binaridade, diz que “a partir desse ponto de vista, o louco confirma e reforça nossa razão; a criança, nossa maturidade; ... e o deficiente, a nossa normalidade.” (SKLIAR, 1999, p.18), assim sendo, com base também no pensamento de Larrosa e Pérez de Lara,

poderíamos dizer, para começar, que se trata da imagem dos loucos feita pelas pessoas com uso da razão que, afinal, são as que definem o sentido da razão e da sem-razão; as imagens das crianças feitas pelas pessoas adultas que são as que determinam o que é a maturidade e a imaturidade; ...a imagem dos deficientes feita pelas pessoas normais que são as que definem o que é a normalidade e a anormalidade (LARROSA, LARA, 1998, p.7-8).

Essa normalidade acompanha diversos processos sociais, uma vez que aparece como um conceito hegemônico sustentado por determinado grupo num lugar de poder social aparentemente inalcançável por alguns, as subjetividades são atravessadas por um rolo compressor homogeneizante que aparenta a intenção de um apagamento dessas diferenças: de cor, de etnia, de gênero, de sexualidade, de nação, de religião, assim como de deficiências. O conceito de subjetividade aqui presente se alinha ao apresentado em “Quem tem o direito de sonhar?” de Inessa S. de Oliveira e Marina K. Felipe, de modo que

entendemos a subjetividade como espaço interno que compõe o sujeito. Ela é produzida tanto pelo contexto histórico e seus códigos de norma e conduta, como também é permeada pelos desejos, sentimentos, gostos, desgostos, vontades e afetos que nos caracterizam como seres humanos complexos (OLIVEIRA, FELIPE, 2019, p.21).

Seres complexos cujas subjetividades são naturalmente camufladas a partir de determinados processos de socialização, como em salas de aula em que a pergunta não é bem recebida ou em espaços escolares em que se sente a necessidade de esconder a essência de quem se é pelo medo da reação do outro, pensando esse espaço escolar como um microcosmo da sociedade, no qual as diferenças também são fatores de exclusão e, conseqüentemente, de violência.

Assim, retomar o pensamento sobre o conceito de normalidade, além de repercutir na reflexão sobre as subjetividades e de trazer à tona a reflexão sobre o uso e o valor que as palavras podem representar na vivência do indivíduo, compõem o ato de rever, repensar e ressignificar o uso e a ação das palavras, iniciando no raciocínio uma contestação sobre a ação dessa ainda dominante hegemonia autodenominada “normal” frente ao pensamento de início sobre pessoas, mas com foco dessa pesquisa sobre pessoas com deficiência no Brasil, principalmente, sobre os surdos.

Ao concluir a trama que aqui se tece, pensa-se tanto na palavra como capaz de representar um pensamento hegemônico, quanto na relação do eu e do outro com as diferenças, pensa-se também no questionamento sobre a estigmatização, reconhecendo o estigma como classificador virtual de sujeitos, que se estabelece sobre os seres que determinamos como alheios ao padrão que autodenominamos ou entendemos como normal; soma-se a isso a potência de interferir e construir subjetividades do indivíduo pelo uso das

palavras, ações e classificações, de forma que a cada dia os seres, vistos como diversos, são uniformizados em prol da constatação de uma diversidade igualitária.

Para esse fato contribui a noção de globalização, que nos trouxe a percepção de unidade: unidade entre culturas, entre economias e comunicação, unidade entre línguas, como o inglês difundido como língua universal, e a unidade entre a diversidade. Com alinhamento ao pensamento de Skliar, penso que a globalização torna aos poucos a diversidade homogênea, como numa utopia, praticando o alinhamento dos pensamentos, das vivências e dos acessos; a particularidade dos indivíduos é também homogeneizada. Por isso, incluo no repertório a palavra *diferenças*, com a intenção de ressaltar as subjetividades e peculiaridades de cada ser, considerando a pluralidade de histórias, experiências múltiplas e corpos diversos.

O corpo da pessoa com deficiência sempre se fez como algo a ser observado, a sociedade o questiona, os estudos médicos o contestam como forma de reparação de um erro. Durante séculos, surdos foram obrigados a falar, mesmo não ouvindo, a prática da oralidade era estabelecida a eles como um padrão adaptativo aos modos operantes do ouvinte, a língua de sinais, por exemplo, foi proibida após o Congresso de Milão, em 1880, fazendo com que surdos tivessem suas mãos amarradas para não se comunicarem por sinais (MORI, SANDER, 2015, p.7). Percebe-se na história da luta das pessoas com deficiência, a situação de serem alvos constantes de tentativas de conserto de algo que se fazia diferente aos olhos daqueles que se veem como normais, tornando os diferentes excluídos socialmente.

Temos, portanto, um processo de estigmatização do indivíduo, em que sua característica diferente é tida como essencial para a sua relação com o mundo, como é afirmado por Goffman, que

define estigma como um atributo considerado profundamente depreciativo pelo meio social, que conduz o indivíduo ao descrédito de forma intensa. O indivíduo estigmatizado é visto como defeituoso, fraco ou em situação de desvantagem em relação aos demais (GOFFMAN apud DENARI, FERNANDES, 2017, p.79).

Essa estigmatização influi na relação da pessoa com deficiência com o mundo, com seu desenvolvimento pessoal e no reconhecimento de seu corpo e de suas diferenças, uma vez que sua deficiência dificilmente passará despercebida.

Por isso, pode-se pensar a deficiência como algo além de sua característica física ou sensorial, mas a partir de seu cunho social. Amaral pensa a deficiência em duas instâncias, a primeira referente à característica física ou sensorial, que limita ou dificulta ações do indivíduo, e a segunda, como uma característica social e histórica, em que a sociedade determina as capacidades da pessoa com deficiência e limita assim suas ações e participações

em seu meio. Skliar também traz o conceito de que a deficiência não é biológica, mas uma retórica social, histórica e cultural. A deficiência é entendida socialmente como anormalidade, fazendo par contrário à normalidade.

## 2.2 Medicalização do corpo e capacitismo

Karla Garcia Luiz, em seu artigo: *"Deficiência pela perspectiva dos direitos humanos"*, fala sobre modelos de deficiência, que se caracterizam pela abordagem e forma de lidar com a situação pela sociedade. A autora apresenta quatro modelos: religioso, criativo, médico e social; o primeiro se caracteriza pela abordagem da deficiência como uma maldição, um castigo de Deus - nesse caso a deficiência é entendida como motivo de tristeza; o segundo modelo, fortemente alinhado com o religioso, representa a abordagem da deficiência também como uma falta, sendo a pessoa com deficiência motivo de caridade e benevolência; o terceiro modelo é o médico, que entende a deficiência como um erro e que busca sua correção a qualquer custo - nesse modelo é entendido que é opção da pessoa com deficiência querer "corrigir-se" ou não, não havendo responsabilização da sociedade sobre sua situação; por último, há o modelo mais aceito pelas pessoas com deficiência atualmente, em que a deficiência é entendida como um fator social, ligado a relações estruturais históricas e à negligência sobre acolher as diferenças humanas.

Outro fator trazido pela autora é a relação contemporânea com o corpo a partir do século XX, que se alinhou com o advento e as demandas do sistema econômico predominante no mundo: o capitalismo. Com o pensamento de produção capitalista, passou-se a valorizar o corpo que era mais capaz, o corpo que se encaixava melhor com exigências econômicas e sociais, e, portanto, iniciou-se uma intensa busca pelo corpo ideal, que se opunha necessariamente ao corpo da pessoa com deficiência. Esse pensamento condiz com o modelo médico, que vê o corpo da pessoa com deficiência como algo fora da normalidade e sugere a sua correção conforme as exigências socioeconômicas estipuladas; "esses discursos serviram para afastar qualquer possibilidade de 'falhas' corporais ou tipos de deficiência e fortalecer duas concepções corpóreas distintas: a do corpo ideal, canônico, e a do corpo desprezado, fadado à exclusão."(LUIZ, 2020, p.20)

Essa ideia condizente ao modelo médico, também chamada de clinicalização é recorrente na história dos surdos, já que se faz comum nos diagnósticos de surdez ocorrer a busca de uma correção corporal baseada na normatividade ouvinte e no sistema econômico

capitalista, exigente da eficiência dos corpos para a produção, ou seja, sugerem-se o aprendizado da oralização, uso de próteses auditivas e implantes cocleares, a fim de *corrigir* essa deficiência, de modo a adaptar o ser para o meio em que vive. E ao mesmo tempo que positivo que possa ser para uma pessoa surda voltar a ouvir, é preciso atentar-se ao processo de violação de seu corpo e de sua identidade, uma vez que a surdez também é considerada compositora de identidade e fator de reconhecimento e pertencimento a determinado grupo possuidor, inclusive, de uma língua própria. Por isso é chamada a atenção para os dois lados, recorrendo ao processo de ruptura da hegemonia do pensamento, de forma que ao pensar sobre o corpo e a identidade surda, repensar sobre a liberdade que pode ser o ouvir e também a liberdade que pode ser encontrar essa tal identidade. Com a ressalva, como afirma Cibele Toledo, de que

dizer isso não é de forma alguma negar a importância de diagnósticos e providências médicas, mas é acreditar que as decisões sobre um corpo devem nascer dele mesmo, de suas forças e desejos, não de uma orientação clínica que sequestra suas singularidades, impondo a necessidade de corrigi-lo ou consertá-lo (TOLEDO, 2017, p.64).

Toledo narra em sua tese a história de um amigo que nasceu surdo e que os pais optaram pela cirurgia do implante coclear, sugerida pelo médico como solução para a surdez de seu filho. A questão que a autora traz na narrativa é que a criança com o implante ouvia, mas não de forma suficiente para compreender ao lado das crianças ouvintes o que era passado em sala de aula de ensino regular, tempo depois a mãe decidiu colocar o filho em uma escola bilíngue para surdos, com alfabetização em libras, permitindo ao filho o reconhecimento de uma língua e espaço de identidade, trazendo consigo o sentimento de pertencimento e de identificação com outras crianças surdas. Somando o fator de identificação com a cultura surda, o menino alfabetizado em libras e em português passou a utilizar o implante como aparato para momentos convenientes, como assistir a um desenho na televisão, e também a libras para a sua comunicação recorrente, demonstrando autonomia sobre o seu corpo e língua, fatores antes negligenciados com a imposição de um implante para fazê-lo ouvir (TOLEDO, 2017, p.65).

No filme “O som do silêncio”, de 2020, o protagonista Ruben, baterista, perde a audição e parte em busca de soluções para se adaptar ao seu novo modo de ser frente ao eixo essencial de sua vida que é a música. Embora tenha entrado em contato com uma comunidade surda e aprendido a língua de sinais, opta por voltar a ouvir e se dispõe a passar por uma cirurgia de implante, apresentada no filme como dolorosa e de intensa recuperação e adaptação; com as experiências sonoras e poéticas trazidas pelo filme, o espectador

questiona-se sobre o real efeito do implante coclear, que ao mesmo tempo que permite ouvir, também se caracteriza como intensa intervenção no corpo. Ao perguntar sobre o assunto para um médico especialista, obtive a resposta de que o implante precisa de adaptação e acompanhamento, que é um processo longo de balanceamento das frequências sonoras com a fonoaudiologia, mas que pode, por exemplo, trazer de volta a felicidade de uma criança de cinco anos ao ouvir novamente a voz dos pais. Trata-se, portanto, de uma questão delicada, que envolve corpo, consentimento e vontade, além de identificação, conhecimento e pertencimento a determinado grupo, colocando como ponto central de referência a subjetividade do ser e a forma que ele deseja se expressar e estar no mundo, considerar, portanto a sua vontade e desejos, fatores que deveriam estar além das exigências corporais socioeconômicas pré-estabelecidas.

A partir desse raciocínio de imposições normativas aos diferentes corpos, considera-se a existência, portanto, de uma *corponormatividade*<sup>2</sup> que estabelece relações de capacidade do indivíduo de realizar tarefas conforme os padrões dessa tal “normalidade”, o que acarreta em pensamentos e ações que desvalorizam socialmente a capacidade de pessoas com deficiência de lidarem com situações físicas e sociais em seu dia a dia. O “capacitismo”<sup>3</sup> está fundamentado numa ideia de hierarquia dos corpos com mais ou menos capacidades, na qual corpos sem deficiência valem mais do que corpos com deficiência.” (LUIZ, p.24) Assim, é possível pensar sobre o que esse pensamento capacitista pode acarretar na vida das pessoas com deficiência, uma vez que parte de pressupostos de conserto de uma estrutura corporal que não condiz com o chamado de normal, de hierarquias entre pessoas com deficiência e sem deficiência, além da justificativa da exclusão dessas pessoas por causa delas mesmas, ou seja, de modo estigmatizado, pressupondo sua existência e ações a partir de suas diferenças, justificando até os seus modos de ser por motivo de desinteresse e anulando a responsabilidade de atuação da sociedade e do Estado para a inclusão<sup>4</sup> efetiva dessas pessoas. Atualmente, o capacitismo é determinado como forma de discriminação presente na LBI - Lei Brasileira de Inclusão - sendo cabível de pena.

Sua presença, a do capacitismo, exige atenção, pois está camuflado entre olhares, ações e intenções, ele se faz fortemente presente nas palavras, por isso, fala-se hoje numa

---

<sup>2</sup> Corponormatividade: termo usado por Karla Garcia Luiz no texto citado presente no livro “Mulheres com deficiência: garantia de direitos para o exercício da cidadania”, maio de 2020.

<sup>3</sup> Definição de capacitismo: “O termo “capacitismo” serve para designar as discriminações baseadas numa lógica de capacidade dos corpos. Nesse sentido, os corpos que mais sofrem opressão por capacitismo são os corpos com lesões e impedimentos.”( LUIZ, p.24)

<sup>4</sup> O conceito de inclusão aqui presente considera a independência e participação verdadeira de pessoas com deficiência em projetos gerais, não havendo só a criação de programas próprios para essas pessoas, mas a viabilidade de acesso para que essas criem seus próprios movimentos, grupos e articulem o que desejam.

comunicação não capacitista, de modo a não depreciar as pessoas com deficiência por serem como são, afinal a deficiência não é uma doença, é uma condição; ela também não é portada, pois não é algo que se escolhe carregar ou não. Como narrado nesse tecer de verbos, estamos caminhando para reconhecer que existem termos que exigem reflexão a fim de ressignificar, rever e reinterpretar. Por exemplo, ao usar a palavra *deficiente* para se referir a uma pessoa, descaracteriza-se a subjetividade desse ser, uma vez que antes da deficiência, o termo refere-se a uma pessoa, portanto, o adequado é pessoa com deficiência. O capacitismo também se apresenta em falas que usam termos que colocam a pessoa como incapaz ou desafortunada como *coitado*, *infeliz*, *sofre de deficiência*, sendo palavras depreciativas em relação a sua condição, alinhando-se ao pensamento dos modelos citados por Karla Luiz, seja o religioso, o criativo, seja o médico.

Em trabalho como mediadora na exposição "Heliplaza" no espaço Pivô Arte e Pesquisa, ao lidar com mediação de obras de Manuel Solano, artista do México que se denomina pessoa não binária, lidei com situações de presença do pensamento capacitista. Solano ficou cego aos 26 anos em 2013 devido a uma infecção causada pelo vírus HIV, continuou a pintar mesmo depois de ter perdido a visão. Certo dia, enquanto mostrava o espaço para um funcionário do Copan, icônico edifício na cidade de São Paulo, contei sobre a biografia de Solano e sobre como fazia suas obras, a pessoa que eu acompanhava então comentou: "Nossa, uma coisa divina, não é? Como pode uma pessoa que não enxerga pintar assim?" e eu expliquei o processo de produção das pinturas de Manuel Solano que as fez com a ajuda de assistentes especialmente para a exposição no Pivô.

Nesse episódio é possível perceber um pensamento capacitista, em que uma pessoa cega pintar torna-se algo divino, pressupondo que cegos não seriam capazes de produzirem pinturas sem uma ação divina, ou seja, diminuindo sua capacidade por uma perspectiva determinada pela normatividade daqueles que enxergam. Um dos desafios da mediação dessas obras parece ser desconstruir essa impressão de excepcionalidade frente a produção de Solano, não as querendo reduzir ao fato de serem produzidas por uma pessoa cega, estigmatizando-a, mas de mostrar que sua biografia se relaciona com sua produção e que o fato de não enxergar mais não o impediu de continuar a sua produção como artista.

Com esse processo abordado de estigmatização e exclusão da pessoa com deficiência a história foi construída durante anos, seus corpos foram moldados pela hegemonia representante da corponormatividade e suas ações foram moldadas pelo pensamento capacitista; as subjetividades dos seres foram determinadas pelo que os outros viam, determinadas pelo que denominaram normal e anormal e a partir de então encontrou-se a

motivação que trabalha na luta da desconstrução desses conceitos de determinação das capacidades das pessoas com deficiência. O fato é que essa narrativa pode se abranger para todas, todos e todes no mundo, pois a existência humana é fruto de diferenças e por mais que se entenda uma homogeneidade de cultura globalizada, de raça humana, de habitantes de um mesmo planeta, cada ser se faz diferente perante os seus olhos e os olhos do outro.



Imagem 1: Sem título, 2022. Ilustração digital.

Fonte: Produção pessoal.

### 3 Amarelo

A



Às vezes imagino se algum dia me dissessem, como mulher negra ouvinte, que não posso mais me comunicar com palavras faladas, que minha voz não pode mais ser ouvida, que também não posso mais escrever com um lápis ou com um teclado. Imagino que sentiria como se a minha língua não me pertencesse mais, melhor dizendo, como se minha língua fosse arrancada de mim ou como se minha essência subjetiva fosse comprimida à vontade de um outro alguém. Violência.

Ao ler em “Pequeno ensaio para mover ou se a sala fosse gerida pela pélvis?” de Deise de Brito, a frase: “E se, durante o período escolar, ao invés de ‘quietos!’ tivéssemos ouvido mais a palavra ‘movimentem-se!’? (BRITO, 2019, p.25), pesquei no fundo do meu lago da memória a lembrança de ter passado por esse processo de silenciamento quando criança, em uma aula de artes, em que a professora mandava a gente abaixar a cabeça e ficar em silêncio na mesa depois de ter terminado a atividade feita em papel; nesse dia eu senti a minha liberdade violada, pois ela estava realmente sendo e hoje é possível perceber os efeitos dessa ação no decorrer do meu tempo. Hoje eu sou uma mulher que escreve, que fala e que canta e que, acima de tudo, entende a expressão como forma de existir no mundo, portanto silenciar-me, seria aprisionar a minha essência e calar meu corpo, processo árduo feito durante anos pela escola, e que percebo hoje que também seria calar a minha existência.

E ao pensar no processo de calar uma mulher que ouve, com a compreensão de um histórico humano de amordaçar mulheres para silenciá-las, como fizeram com a Negra Anastácia, mulher negra escravizada, calada de modo tão violento, cuja imagem perdura hoje em memória, apresentada em livros de história na escola, vendo-a com a boca silenciada por uma máscara de flandres. Assim, penso também no processo de calar uma pessoa surda, uma vez que impedir que essa pessoa se comunique pela língua, de sinais, com que se identifica e que seja obrigada a aprender uma outra língua, a oral, com a qual pode não se identificar e se adaptar, também caracteriza-se como ação de violência e silenciamento, com a ação durante anos de aprisionar suas mãos, mãos de pessoas surdas, para que não se comunicassem por meio de sinais, mas por meio da fala.

Assim, inicia-se mais um convite para a reflexão sobre algumas palavras e conceitos tratantes de subjetividades: Língua e Silêncio. Iniciaremos com a palavra Língua.

### 3.1 Língua como identidade, língua como liberdade

Em consulta ao dicionário Michaelis online, foram selecionadas duas definições da palavra *língua*. Definição I: “Conjunto de palavras ou signos vocais e regras combinatórias estabelecidas, de que fazem uso os membros de uma comunidade para se comunicar e interagir; idioma.” e definição II: “Para Ferdinand de Saussure (1857-1913), linguista suíço, sistema abstrato de signos, subjacente à fala e à escrita, usado por uma comunidade e que se opõe à sua realização individual; *langue*.” A partir da leitura das duas definições, a segunda enunciada pelo dicionário como parte do campo da linguística, pode-se deduzir que o que há em comum na definição do que é língua é o conceito de comunidade, ou seja, compreensão de que a língua é a articulação de signos por um conjunto de pessoas que a utilizam como forma de comunicação.

E ao pensar sobre a língua pertencer a uma comunidade e representá-la, também é possível refletir sobre os fatores de identificação que podem estar por trás do uso de determinada língua por um determinado grupo e concluir como a língua também é elemento de cultura. Por isso, ao considerar o processo de sentimento de pertencimento ou não a uma língua, faz-se importante refletir sobre a representação de uma cultura por meio da língua, permitindo a conexão com o capítulo de bell hooks “A língua”, presente em seu livro *Ensinando a Transgredir*.

Nesse capítulo, a autora narra como a língua foi objeto de opressão para povos escravizados e contra-hegemônicos, obrigados a abandonar suas línguas e a aprender a do opressor para se comunicar. Como eixo de seu capítulo, a autora move as palavras a partir do verso de Adrienne Rich “esta é a língua do opressor, mas preciso dela para falar com você”, o que demonstra tanto o uso da língua como um processo de hegemonia compulsória entre os povos negros escravizados, quanto o uso da língua daquele que oprime como ferramenta de apropriação e ocupação de lugar-história, de modo a transformar a língua que é capaz de oprimir em língua que é capaz de resistir, possibilitando entender a transformação como resistência. Lá, hooks também fala sobre apagamento de línguas não-hegemônicas e do conseqüente silenciamento de culturas desses povos minorizados, cujas práticas de identificação eram marginalizadas, e que mesmo assim esses povos usavam e usam a língua então como modo de resistir. Dessa forma, como diz hooks,

para curar a cisão entre mente e corpo, nós, povos marginalizados e oprimidos, tentamos resgatar a nós mesmos e às nossas experiências através da língua... Fazemos das nossas palavras uma fala contra-hegemônica, libertando-nos por meio da língua (HOOKS, 2013, p.233)

e assim, no costurar das narrativas sobre as histórias surdas, pode-se pensar em como as línguas de sinais dos povos surdos foram recusadas pelos padrões hegemônicos ouvintes, que entendiam a surdez como um erro que deveria ser consertado por meio da proibição do uso dos sinais, forçando-os, muitas vezes, a aprender a oralizar - comunicar-se por meio da fala e leitura labial - mesmo não ouvindo. E assim podemos pensar como o uso da língua de sinais pode ser interpretado, como forma de liberdade e resistência.

A partir da lógica da binaridade contestada no capítulo anterior, retomamos o questionamento e a tentativa de ruptura dessa situação oposicional de subjetividades, uma vez que cada experiência de vida se faz única, não havendo a necessidade de colocá-la como opositora a outra que é considerada dominante. Dessa vez o trabalho será sobre a oposição suposta ouvinte/surdo, raciocínio desenvolvido por Skliar ao pensar que

as oposições binárias supõem que o primeiro termo define a norma e o segundo não existe fora do domínio daquele. No entanto, o ser surdo, por exemplo, não supõe o oposto - e negativo - do ser ouvinte, nem o ser cego o oposto de ser vidente; são experiências singulares que constituem uma diferença específica (SKLIAR, 1999, p.22).

A partir dessa lógica, articula-se o pensamento de que ser surdo não deve ser encarado como oposição ao ser ouvinte, não focando na classificação a partir de mecanismos biológicos que resultam na surdez, ou seja, desconstruir o pensamento suposto pela lógica ouvinte de que o surdo é aquele que não ouve e passar a entender o surdo ou como aquele que vê ou que sente ou que tateia e percebe. É possível conduzir o pensamento a entender os surdos como pessoas sensíveis que não dependem da audição para se comunicar e perceber o mundo. E para os surdos videntes, é possível entendê-los como praticantes de uma língua visual.

Como parte desse processo, faz-se essencial ouvir a narrativa dos surdos pelos próprios surdos, não lhes retirar o lugar de fala de narrar a sua própria história e de definir a partir de que viés querem que ela seja contada e que sua cultura seja entendida. “Dar lugar às narrações surdas sobre a surdez constitui, dessa forma, um processo de *desouvintização*<sup>5</sup>” (SKLIAR, 1999, p.24), em que esse neologismo é colocado pelo autor para falar do trabalho de rearticular a narrativa de modo a romper com o colonialismo ouvinte

---

<sup>5</sup> “Desouvintizar, ouvintismo, ouvintização constituem neologismos para descrever práticas colonialistas dos ouvintes que fazem que os surdos sejam obrigados a narrar-se, julgar-se e pensar-se como se fossem ouvintes. É nessa prática, justamente, que muitos surdos se vêem a si mesmos como deficientes, incompletos, pseudo-ouvintes, etc.” (SKLIAR, 1999, p.29)

sobre o surdo, pensando no processo hegemônico histórico e cultural de dominação que o *ouvintismo* determinou e ainda determina sobre narrativa das histórias surdas.

Entender que os surdos que se comunicam pela língua de sinais podem ser atuantes de uma comunicação visual, colocando-o em oposição a pressupostos capacitistas e estigmatizantes como os que dizem que os surdos “não dominam a linguagem”, que não se comunicam “direito”, que não possuem um “ouvido eficiente”. Compreender a visualidade como forma de comunicação de alguns surdos, consiste em compreendê-los como integrantes de uma língua e culturas específicas, em entender as comunidades surdas como parte de tradições históricas que não pensam as articulações da língua como forma de compensar o fato de não ouvirem.

Por encararem, os ouvintes, o ouvir como essencial para a vida em sociedade, a vida de pessoas surdas foi determinada por isso durante um longo período da história. Honora e Lopes narram que na Antiguidade, os romanos entendiam os surdos como seres que não pensavam, portanto eram encarados como não humanos, dentre os gregos, guiados pelas ideias de Aristóteles, declaravam o ouvir como essencial para a educação, portanto os surdos não tinham acesso a ela.

Na Idade Média, a relação inicial de educação dos surdos foi pensada pela Igreja, que via a necessidade, inicialmente, de salvar as almas dos surdos membros da nobreza, permitindo-os confessar e participar dos sacramentos e, para isso, foi pensada a ação de aprendizados desses com os monges, que criaram uma língua de sinais para se comunicarem, já que praticavam o voto de silêncio (HONORA, LOPES, 2009, p. 19-23). Nesse período de forte relação com a igreja, é possível pensar no desenvolvimento de ideias que tinham a surdez como punição divina, colaborando para o pensamento capacitista a partir do Modelo Religioso<sup>6</sup> apresentado no capítulo anterior, de encarar a deficiência como atitude de piedade e tristeza.

No decorrer da história, com ressalva importante a relevância do plural, pois cada país possui atualmente sua própria língua de sinais, as línguas de sinais passaram por momentos de determinação de sua eficiência e de permissão para que fossem consideradas oficiais, foram recusadas e proibidas pelos ouvintes, existindo sempre a dicotomia entre qual metodologia de ensino, sinalizante ou oralizante, seria a melhor para a comunicação dos surdos. Durante anos viram como eficiente a prática da oralização - leitura labial e fala - para a comunicação dos surdos, metodologia de ensino guiada pelo alemão Heinick; no entanto, no

---

<sup>6</sup> Cf. pág. 8, conceito apresentado por Karla Garcia Luiz.

mesmo período também havia quem acreditasse na metodologia francesa, que buscava o ensino da sinalização com as mãos.

Por volta de 1855, o Brasil se envolvia com a educação dos surdos e com o ensino da língua de sinais e em 1857 é fundado o INES - Instituto Nacional de Educação de Surdos, no Rio de Janeiro com a metodologia francesa de comunicação por sinais de Ernest Huet, que traria as raízes da língua de sinais francesa para a criação da Libras. No entanto, antes da oficialização da Libras, que se daria somente em 2002, o ensino dos sinais regride à prática do oralismo após a decisão tomada pelo Congresso de Milão em 1880, em que o uso de língua de sinais por surdos em escolas é proibido e então, no Brasil, como reflexo da decisão europeia, mãos de surdos começam a ser amarradas para que não se comuniquem por sinais, mas a partir da leitura labial e da fala - situação que persistiria por anos até a compreensão dos sinais como integrantes da formação dos surdos. Frente a esse histórico é válido observar a insistente relação de dominação da normatividade ouvinte sobre a população surda, com a determinação de qual língua seria eficiente ou não para seu aprendizado e ensino.

Praticamente cem anos depois a língua de sinais seria retomada como prática de ensino na educação de surdos no Brasil, como reflexo da compreensão da língua de sinais como possuidora de complexidade e gramática específica, compositora de diferentes comunidades surdas. Nas décadas de 1980 e 90, foi frequente a prática da *Comunicação Total*, que consiste no uso de diversos meios para comunicar, tanto a língua de sinais, quanto gestos mímicos e também a oralização. Nesse período, a atenção sobre os direitos das pessoas com deficiência é pautada em assuntos mundiais, por exemplo em 1994 com a Declaração de Salamanca, que estabelece deveres de articulação e direitos para a educação de pessoas com deficiência, como a inclusão no ensino regular.

Finalmente em 2002, é promulgada a Lei da Libras de número 10.436, reconhecendo a Língua brasileira de sinais como segunda língua oficial do país e permitindo, com licença poética, que fossem desamarradas as mãos daqueles que se identificam como Surdos, praticantes de uma língua que pode também ser entendida como visual. E assim como a Negra Anastácia foi representada livre em “Monumento à voz de Anastácia” ou “Anastácia Livre” (2019), por Yhuri Cruz, sem a máscara de flandres cobrindo sua boca, os surdos passariam a ser representados com suas mãos livres com a conquista de sua comunicação representante e própria, sem imposições de uma cultura ouvinte.

### 3.2 Sejam bem vindes às montanhas do silêncio

*Quando pronuncio a palavra Futuro,  
a primeira sílaba já se perde no passado.  
Quando pronuncio a palavra Silêncio,  
suprimo-o.  
Quando pronuncio a palavra Nada,  
crio algo que não cabe em nenhum não ser.  
Wisława Szymborska*

Em consulta ao dicionário Michaelis online, foram selecionadas duas definições da palavra *silêncio*. Definição I : “Estado de quem se cala ou se abstém de falar” e definição II: “Estado de quem se recusa a ou está impossibilitado de manifestar suas ideias, suas opiniões.”. A partir dessas duas definições de silêncio, podemos exercitar a mente para pensar: o que é silêncio? Existe um silêncio absoluto? Ele é possível no planeta em que vivemos? Quais as consequências do silêncio, e ainda, quais as suas motivações? O silêncio é sempre algo negativo? Quanta história pode o silêncio contar?

Mas, partindo de uma reflexão mais próxima às definições do dicionário selecionadas, com especificidade na definição II, podemos continuar a desconstrução do pensamento de que não existe comunicação sem voz, pois ela existe. Desconstruir a ideia de que pessoas que não oralizam não pensam e não se comunicam; existem pessoas que se comunicam por meio dos sinais, existem pessoas surdas que se comunicam por meio da língua de sinais e elas expressam suas ideias e opiniões. Existe muita comunicação além da oral, as artes visuais também são um exemplo.

Retomando o contexto do silêncio, num exercício de tentativa de compreensão da subjetividade do outro, podemos imaginar um mundo sem som. Podemos só imaginar, pois nós, ouvintes, continuamos ouvindo, continuamos percebendo o som que invade os nossos ouvidos, mesmo não o querendo ouvir. Se nos colocarmos num lugar de completo silêncio, ainda ouviremos e sentiremos, pois há som dentro de nós. Existe som dentro de nós. E se nós somos humanos, sentimos o som dentro de nós. E como surdos são humanos, também existe som dentro deles. O silêncio que dizemos que existe para eles, pode ser o mesmo que é para nós, pois há dentro de todos algo que muito vibra. Existe o som que vibra no silêncio.

Em vídeo retrato de performance urbana do grupo Corposinalizante (2012)<sup>7</sup>, faz-se o convite aos passageiros de ônibus na cidade de São Paulo a adentrar no mundo do silêncio

<sup>7</sup> O curso Corposinalizante existe no Museu de Arte Moderna de São Paulo - MAM. O grupo articula pesquisa e produção de arte, sendo aberto a jovens surdos e ouvintes que tenham interesse na língua brasileira de sinais (Libras). Mais informações em: <https://mam.org.br/page/3/?s=corposinalizante>

junto com o E.J.C.L. (Exército Jovem da Comunicação Libertária). Jovens surdos e uma atriz ouvinte performam uma interação com o público passageiro, unindo Libras e palavras ouvintes em poesia. Os membros do exército recitam frases como “Nosso corpo é nossa língua”, “Bem-vindos às montanhas do silêncio”, “Somos todos iguais, porque somos diferentes. Bem vindos à uma comunicação libertária”, “Enquanto vocês puderem ver, nosso corpo é a nossa língua”. Narrando, assim, por meio do movimento visual e poético das mãos e do corpo, a consistência da língua de sinais, aproximando-a de pessoas que talvez não convivessem tanto com ela.

No vídeo é possível perceber a brincadeira na edição entre o som e o não som, como se houvesse a intenção de brincar entre o silêncio e o não silêncio, como se existisse a poética entre imergir num mundo do silêncio absoluto e desconstruir o seu medo e a narração de que no silêncio nada existe. Pois para aqueles que não ouvem, muito há em mente e a comunicação por meio dos sinais se faz libertária e resistente.

Assim, a partir da ação do E.J.C.L. , pensa-se o silêncio como liberdade e, portanto, o uso dos sinais como liberdade a um grupo fadado durante anos pela prática da oralização e pela ruptura de seu silêncio. O silêncio que cotidianamente é visto como opressor e solitário, em simbologia dessa performance, se faz libertário. Dessa forma, chega-se à conclusão de que o silêncio não significa sempre a opressão, nem sempre o silenciamento e apagamento da história, o silêncio também pode significar respeito ao outro e a sua cultura.

E nesse sentido de respeito às diferenças, ao falar sobre respeitar o que não se entende de imediato, permitindo o silêncio, bell hooks trabalha o rompimento da necessidade de dominação, uma vez que não saber uma língua não deve fazer com que ela seja proibida e não usada por aqueles que sabem e se identificam com ela, a autora diz:

proponho que possamos aprender não só com os espaços de fala, mas também com os espaços de silêncio; que no ato de ouvir pacientemente outra língua, possamos subverter a cultura do frenesi e do consumo capitalistas que exige que todos os desejos sejam satisfeitos imediatamente; (HOOKS, 2013, p. 232)

e assim atuar em respeito à comunicação por meio dos sinais.

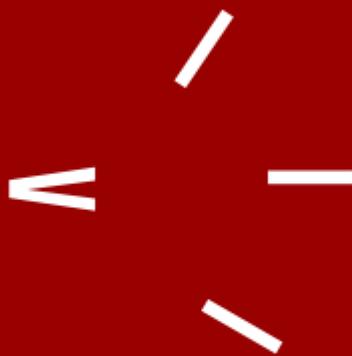


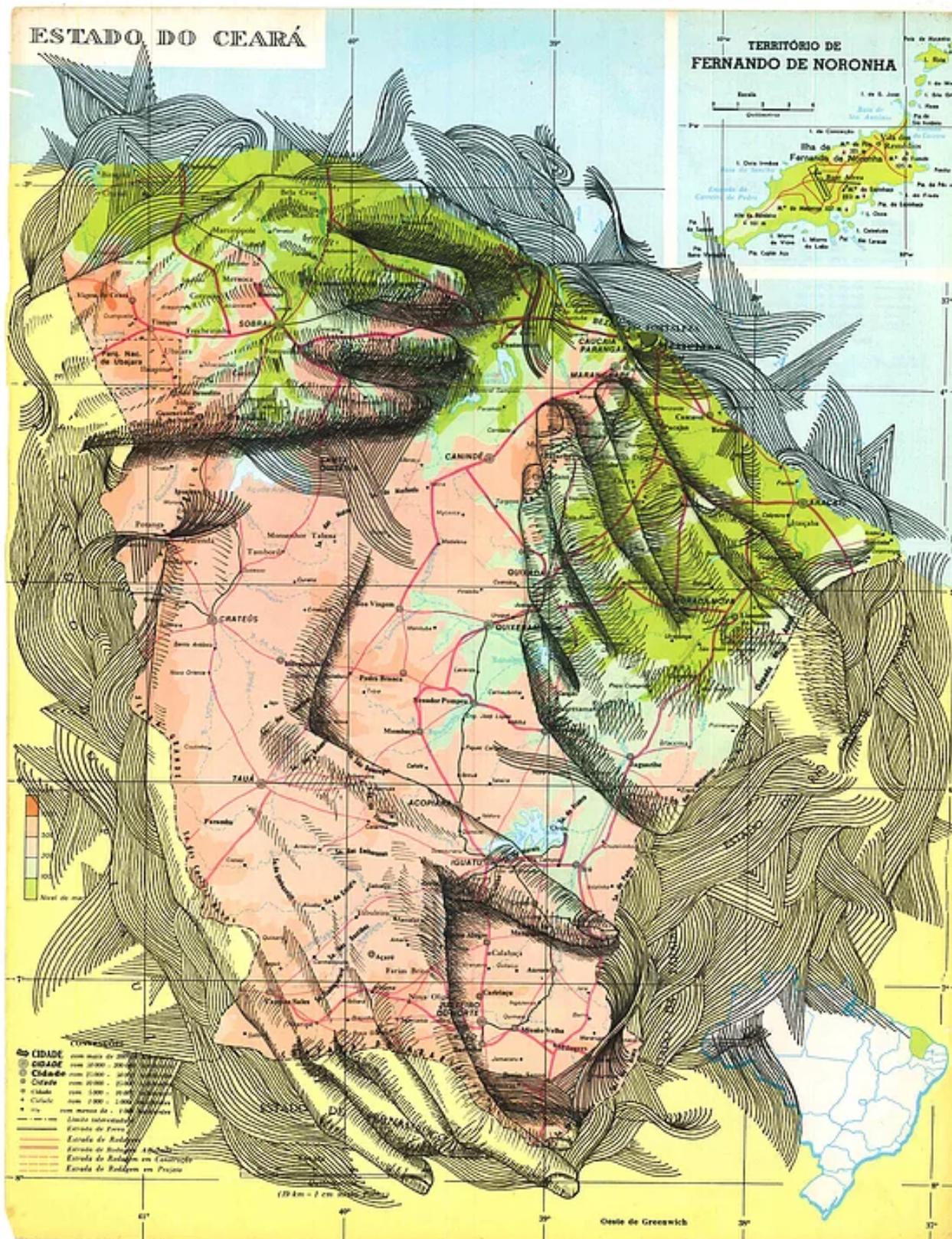
Imagem 2 : Sem título, 2022.

Ilustração digital.

Fonte: Produção pessoal.

## 4 Vermelho





**Imagem 3 : Ceará, 2016.** Caneta nanquim sobre papel cartográfico. De Bruno Vital.  
 Fonte: <https://brunovitalcantar.wixsite.com/meusite/desenho-cartografico>

#### 4.1 Mãos de linhas, caminhos de mãos

Como caminho dessa pesquisa, as mãos se fazem presentes no desenho das linhas das narrativas que aqui são feitas, das poéticas expressivas das montanhas do silêncio do E.J.C.L. e também se fazem presentes em trabalhos produzidos por artistas surdos que se comunicam visualmente pela língua de sinais. As mãos que comunicam carregam expressividade daqueles que as encaram como motor da comunicação e da sua expressividade.

Nessa possível forma de silêncio, silêncio poético, que existe também sonoramente, algumas linguagens também atuam nessa comunicação; nas artes visuais produções com técnicas diversas, como pintura, desenho, escultura e gravura que possibilitam uma comunicação visual e sua leitura. Ana Caldas, pesquisadora surda, em sua tese, apresenta representantes de uma arte surda, afirmando a necessidade de divulgação da arte dessa cultura e de apresentação para estudantes surdos de modo a

levar os surdos ao contato com artistas surdos e com a arte surda através de fotos, vídeos, pinturas, esculturas, teatro; considerar que os olhos, as mãos, a expressão corporal e facial são sinais referenciais para os surdos; despertar os surdos para a arte, a fim de que possam expressar sua identidade surda através da mesma; (CALDAS, 2006, p.42)

apresentando a eles outras formas de expressão por meio de outras linguagens. A autora apresenta trabalhos de Chuck Baird, artista surdo estadunidense, que representava em suas obras sinais da ASL (Língua de Sinais Americana), atuando com a representatividade das mãos em suas pinturas. Outro exemplo de arte surda, nesse caso brasileira, é Bruno Vital, que também representa mãos em suas obras.

Bruno Vital é artista surdo de Itaquaquecetuba, cidade da região metropolitana de São Paulo. Surdo desde os dois anos devido à meningite, demonstra interesse pela arte e desenvolve sua prática artística por meio de variadas técnicas. Em entrevista realizada por meio da plataforma *Instagram*, foi possível conversar com o artista, que contou sua trajetória de barreiras devido à falta de acessibilidade em espaços de arte. Bruno conta que não pôde terminar a faculdade na Instituição Belas Artes, porque não havia intérprete de libras para traduzir a ele questões teóricas em língua portuguesa sobre arte, uma vez que sua primeira língua é libras; conta que perdeu a bolsa de estudos por baixas notas em disciplinas teóricas e que não houve amparo pela faculdade, mesmo necessitando de recursos de acessibilidade, tendo que abrir mão da formação acadêmica temporariamente.

O artista também conta que essa falta de acessibilidade também é presente em espaços de arte como exposições e que mesmo que haja em algumas, ainda é algo que se faz escasso,

diz que gosta de ver arte, mas que prefere ir em exposições que haja intérpretes de libras ou vídeos legendados ou em libras.

Ao perguntar para Bruno sobre a presença de mãos em suas obras, obtive a seguinte resposta: “As mãos expressam, como se fosse corpo menor. As mãos tem cada movimento diferente que muda tudo. Estética e subjetiva poética.”. Definição que aparenta não exigir maiores explicações para a nossa compreensão; a partir dessa frase, entendo que nos é permitido abrir mão de leituras supositórias de uma motivação artística e compreender a ação poética e de identidade para a representatividade das mãos em artes surdas.



**Imagem 4: Visita com intérprete de Libras, 2019.**  
Fonte: Arquivo da empresa Pivô Arte e Pesquisa.

## 4.2 A representatividade Surda nos espaços de arte, relato de experiência.

A partir do relato de Bruno Vital, artista surdo, emerge o pensamento sobre como é a relação das pessoas surdas com os espaços de arte e como é a relação dos espaços de arte com as pessoas surdas. Ao mesmo tempo que a acessibilidade tem sido um tema recorrente nos dias atuais, ainda é possível perceber a escassez da inclusão de fato das pessoas com deficiência. O acesso não é tão facilitado quanto dizem. Não é tão comum encontrar pessoas com deficiência em espaços de arte. Ainda há muito a caminhar para que exposições, galerias, universidades, escolas e as próprias cidades sejam acessíveis e inclusivas.

Acreditando no relato de experiência como método científico, pesquisei por meio de entrevistas e registros fotográficos as ações do Pivô, instituição cultural sem fins lucrativos localizada no prédio do Copan, no bairro República na cidade de São Paulo. A instituição encontra-se na busca de tornar-se um espaço mais acessível e inclusivo, visando a acessibilidade em libras e recursos de audiodescrição em seus programas. Em experiência de estágio na instituição, foi possível experimentar a relação de uma instituição cultural com questões de acessibilidade.

O Pivô é um espaço cultural de acesso gratuito às exposições, que acontecem em diferentes períodos do ano, a instituição possui também um programa anual de residência para artistas, fomentando a pesquisa em arte e a produção de artistas iniciados com auxílio de bolsas. Atualmente, o Pivô possui diferentes programações online que contam sempre com vídeos legendados e com intérpretes de libras, ações que se tornaram necessárias para um momento de adaptação devido à pandemia de Covid-19 no ano de 2020 e que contribuíram para maior atenção à necessidade de tornar o conteúdo acessível e inclusivo.

Antes da pandemia, a instituição articulava ações de inclusão, como a disponibilização de placa tátil para pessoas cegas e visitas guiadas com intérprete de libras para acompanhar o público surdo. Em 2019, por exemplo, como conta Jéssica Gonçalves, responsável pelo trabalho em questões de inclusão e acessibilidade na instituição, houve uma visita guiada por Alexandre Ohkawa, Surdo, que oraliza, e que atua como intérprete e tradutor para libras. Com ele, desenvolveram-se vídeos-convite<sup>8</sup>, disponíveis no site do Pivô, como o que mostra o caminho do metrô República até a instituição, convidando, por meio da libras e de legendas, pessoas surdas e ouvintes para visitarem a exposição "Avalanche" da artista Katinka Bock.

---

<sup>8</sup> Link de acesso para a página com o vídeo que explica como chegar na instituição, o vídeo encontra-se no final da página: <https://www.pivo.org.br/sobre/visita-segura-e-localizacao/>

Na visita realizada com intérprete de libras, Alexandre, e com o público surdo, houve também a presença da curadora Fernanda Brenner que falava sobre as obras da mostra de Katinka Bock. Nesse mesmo dia foi possível a visita aos ateliês dos artistas da residência, no evento chamado Campo Aberto, que permite o contato do público com os artistas que participaram do Pivô Pesquisa, programa de residência. Jéssica conta que houve muito interesse dos visitantes surdos, que não abriam mão de fazer perguntas, demonstravam muito interesse pelos trabalhos da exposição, pela produção e processos dos artistas da residência e atuação da curadoria.

O movimento de acessibilidade em libras e articulação de encontro com surdos nos espaços foi interceptado pela pandemia de Covid-19 e, conseqüentemente, a instituição precisou adequar-se aos novos meios de exposição e divulgação de conteúdo, ou seja, adequando-se à experiência virtual. A percepção de que o meio virtual permite maior visibilidade da instituição e de seus projetos, trouxe o pensamento de que era necessário também acessibilizar o conteúdo que seria postado em redes como o *Instagram*, pensando tanto no público surdo, quanto em pessoas cegas ou com baixa visão, dessa forma iniciou-se um diálogo técnico para a acessibilidade em produções do Pivô, ficando a acessibilidade do espaço presencial ainda em segundo plano, uma vez que visitas presenciais estavam suspensas.

Atualmente, o espaço, com a volta de exposições e visitas presenciais, possui áudio descrição para pessoas cegas ou com baixa visão no espaço expositivo e conteúdo em libras apenas em redes sociais virtuais e no site, com a disponibilização por meio de código QR. Isso traz o questionamento sobre a falta de profissional frequente ou vídeo com intérprete de libras no espaço expositivo, que medie a presença do público surdo nas exposições, já que não se pode exigir das pessoas o acesso à informação somente àqueles que possuem aparelhos celulares. Essa ação se faz necessária, pois em dois meses de exposição em 2021, poucas, se não zero, foram as presenças de pessoas surdas ou com deficiência no Pivô, portanto, trago as palavras da pesquisadora surda Ana Caldas:

Particularmente, a nós surdos, há a necessidade de terem intérpretes ou pessoas que dominam a LIBRAS nos espaços culturais como museus, exposições, galerias, bienais, para que, além do acesso pelo ponto de vista da visualidade, também tenhamos a possibilidade de acesso à informação completa sobre o que estamos vendo, a fim de que possamos fazer as nossas conexões com nossas experiências estéticas anteriores, com os nossos cotidianos (CALDAS, 2006, p.46).

Portanto, é preciso afirmar a necessidade de pensar a inclusão verdadeira dos grupos aos espaços de arte, entendendo que a língua é fator de acesso ao conhecimento e, conseqüentemente, à arte; além de que, a presença de pessoas que saibam libras em espaços formais ou não formais de arte, repercute em representatividade para a pessoa surda e, por consequência, em maior acesso a experiências que poderiam ser mais presentes na vida de todas as pessoas: a experiência artística.



Imagem 5 : Sem título, 2022.

Ilustração digital.

Fonte: Produção pessoal.

## 5 Conclusão

Concluo, portanto, essa pesquisa como um trabalho entre imagem e história, experiência e subjetividade. Um processo longo e ao mesmo tempo acolhedor, não se colocando como peso, mas como cuidado, um processo de conhecimento como pesquisadora em arte e da área de acessibilidade e educação. Nesse processo criativo de pesquisa, houve um ir e vir de temas e de vontades, de ideias e confusões, em metáfora, uma trilha longa feita pelas montanhas do silêncio, um subir e descer, virar, voltar e seguir para a compreensão, por mínima que possa ser, da arte na vida de pessoas surdas, da língua de sinais brasileira, da sua importância em espaços culturais e conteúdos sobre arte e da necessidade do reconhecimento dessa língua como pertencente a culturas que não devem se limitar ao modo de ser ouvinte. Assim, além de permitir a reflexão sobre a hegemonia e o processo de *desouvintização*, percorrendo a história da educação dos surdos, da conquista de direitos e do reconhecimento de sua língua, houve o encontro com o questionamento de significados automatizados de palavras e, em consequência, com o pensar sobre o uso dessas palavras, considerando questões de normalidade e normatividade, termos determinados por hegemônias que se colocam como poderosas e dominantes.

Além disso, nesse caminho foi trazida a compreensão de que as palavras significam poder e que o silenciamento dos oprimidos pode ser rompido, é necessário romper a dominação da língua e dos corpos, pois a língua que pertence a nossa essência é liberdade. A linguagem que nos é natural é liberdade e identidade. Nesse processo, a arte-educadora que não se imaginava existir, encontrou-se; com a experiência do estágio pensado sobre a acessibilidade em espaços culturais e com os textos de referência para a produção deste trabalho, sendo possível compreender a importância de acessibilizar arte em espaços virtuais e presenciais; entender que o fator de identificação cultural é essencial para o ser e que é imensurável o valor de se possuir intérpretes de libras em espaços que trabalhem e apresentem arte, sejam espaços formais ou não formais.

Por fim, o entendimento das diferenças trouxe a amplitude da multiplicidade de vontades e modos de ser, que cada ser deve ter sua vontade respeitada a partir de sua subjetividade, pois cada ser é único.

Pensando na referência da obra *Anastácia* livre de Yhuri Cruz, a mulher Negra amordaçada, que aparece com a boca livre, sem a máscara que a calava, hoje as mãos surdas

que se viam amarradas e impedidas de se comunicar por meio dos sinais, mostram-se libertas e desacorrentadas, têm hoje uma comunicação libertária.

## Referências

BARBOSA, Ana. **A imagem no ensino da arte**. 9 ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.

COYADO-RODRIGUES-GARCIA, Mariana. **Passado, presente e participo**. 2015. 56f. Dissertação (Graduação em Artes Visuais). Instituto de Artes - UNESP, São Paulo, 2015. Disponível em: <https://drive.google.com/drive/u/0/search?q=tcc%20mariana%20coyado> Acesso em: 12 ago. 2021

LUIZ, Karla Garcia. Deficiência pela perspectiva dos direitos humanos. *In*: COLETIVO FEMINISTA HELEN KELLER. **Mulheres com deficiência: Garantia de direitos para exercício da cidadania**. {S. l.}: Coletivo Feminista Helen Keller, 2020. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1FPuMx0TY0VrIFxKvLrpRHuLQK45PHcqv/view>. Acesso em: 24 jul. 2021.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 3 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

HONORA, Márcia; FRIZANCO, Lopes. **Livro ilustrado de língua brasileira de sinais: desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez**. 1 ed. São Paulo: Ciranda Cultural, 2009.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade**. 1 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017. <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/normal/> Acesso em: 15 jul. 2021

INES - Instituto Nacional de Educação para Surdos. **Conheça o INES**. Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.ines.gov.br/conheca-o-ines> Acesso em: 14 mai. 2021.

LARROSA - BONDÍA, Jorge; PÉREZ DE-LARA, Nuria. **Imagens do outro**. 1 ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1998.

LARROSA-BONDÍA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, ANPEd, n. 19, p. 20-28, Abr. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?lang=pt&format=pdf> Acesso em: 16 out. 2021

LIMA, Lucelia; SILVA, Fabrícia. Pelo exercício da criatividade: uma análise das estratégias de ensino de Artes para surdos. **Revista Fórum**, Rio de Janeiro, n 31, p. 87-101 Jan-jun, 2015. Disponível em: <https://www.ines.gov.br/seer/index.php/forum-bilingue/article/view/31>. Acesso em: 24 mar. 2021.

LÍNGUA. *In*: **MICHAELIS**, dicionário online. [S.l.]: Melhoramentos, c 2022. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/l%C3%ADngua> Acesso em: 4 out. 2021

MAM - Museu de Arte Moderna de São Paulo. **Corpo nossa língua**. São Paulo: MAM, 2012. 1 vídeo (7 min 1s) Disponível em:

[https://www.youtube.com/watch?v=YK2aANDHiv4&list=PLOTSdMNFPUJW0FdAOowPsB5kj0xCa\\_Uop&index=4](https://www.youtube.com/watch?v=YK2aANDHiv4&list=PLOTSdMNFPUJW0FdAOowPsB5kj0xCa_Uop&index=4) Acesso em: 12 jul. 2021

MAM - Museu de Arte Moderna de São Paulo. **Exército jovem da Comunicação Libertária**. São Paulo: MAM, 2011. 1 vídeo (7 min 49s). Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=uCfJOL\\_e5f8&list=PLOTSdMNFPUJW0FdAOowPsB5kj0xCa\\_Uop&index=2](https://www.youtube.com/watch?v=uCfJOL_e5f8&list=PLOTSdMNFPUJW0FdAOowPsB5kj0xCa_Uop&index=2) Acesso em: 12 jul. 2021

MORI, Nerli; SANDER, Ricardo. **História da educação dos surdos no Brasil**. 2015. 16f. Artigo científico. Universidade Estadual de Maringá - UEM, Paraná. 2015. Disponível em: [http://www.ppe.uem.br/publicacoes/seminario\\_ppe\\_2015/trabalhos/co\\_04/94.pdf](http://www.ppe.uem.br/publicacoes/seminario_ppe_2015/trabalhos/co_04/94.pdf) Acesso em: 19 jun. 2021

NORMAL. In: **MICHAELIS**, dicionário online. [S.l.]: Melhoramentos, c 2022. Disponível em:

O SOM do silêncio. Direção: Darius Marder. Estados Unidos: Amazon, Caviar, Flat 7 Productions e Ward Four, 2019. Amazon (Plataforma de Streaming) (120 min.)

PAGANELLI-CALDAS, Ana Luiza. **O filosofar na arte da criança surda: construções e saberes**. 2006. 123f. Dissertação (Pós-graduação em Educação). UFRGS, Porto Alegre, 2006. Disponível em:

[http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos\\_teses/FILOSOFIA/Disseracoes/Ana\\_Luiza\\_PaganeUNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL FACULDADE DE EDUCAÇÃO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO ANA LUIZA PAGANELLI\\_Caldas.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/FILOSOFIA/Disseracoes/Ana_Luiza_PaganeUNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL FACULDADE DE EDUCAÇÃO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO ANA LUIZA PAGANELLI_Caldas.pdf) Acesso em: 18 abr. 2021

PARMEGGIANI, Roberto. **Desabilidade**. 1 ed. **Local**: Editora Nós, 2018

PIVÔ - Arte e Pesquisa. **Visita segura e localização**. São Paulo. Disponível em: <https://www.pivo.org.br/sobre/visita-segura-e-localizacao/> Acessado em: 29 out. 2021.

REAL-DA-CRUZ, Andreza Nunes. **Aula de arte com surdos: criando uma prática de ensino**. 2016. 105f. Dissertação (Mestrado em Artes). Instituto de Artes - UNESP, São Paulo, 2016. Disponível em: [https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/143081/cruz\\_anr\\_me\\_ia.pdf;jsessionid=688796B972B09C55CD95620870414D02?sequence=3](https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/143081/cruz_anr_me_ia.pdf;jsessionid=688796B972B09C55CD95620870414D02?sequence=3) Acesso em: 23 abr. 2021

REILY, Lucia. **O ensino de artes visuais na escola no contexto da inclusão**. 2010. 19 f. Artigo-CEDES - Centro de Estudos Educação e Sociedade - Unicamp. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ccedes/v30n80/v30n80a07.pdf> Acesso em: 24 mar. 2021

SANTOS, Ana Paula; DENARI, Fátima. **Pessoa com deficiência: estigma e identidade**” Revista FAEEBA – Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 26, n. 50, p. 77-89, set./dez 2017. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/faeeba/article/view/4263> Acesso em: 19 jun. 2021.

SILÊNCIO. In: **MICHAELIS**, dicionário online. [S.l.]: Melhoramentos, c 2022. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/sil%C3%A0ncio/> Acesso em: 4 out. 2021

SILVA-DE-OLIVEIRA, Inessa; KLAUTAU-FELIPE, Marina. **Um galo sozinho não tece uma manhã**, 2019. 119f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Artes Visuais) - Instituto de Artes - UNESP, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://drive.google.com/drive/u/0/search?q=Um%20galo%20sozinho%20n%C3%A3o%20tece%20uma%20manh%C3%A3> Acesso em: 04 set. 2021

SKLIAR, Carlos. **A invenção e a exclusão da alteridade ‘deficiente’ a partir dos significados da normalidade**. Educação e Realidade. Rio Grande do Sul, v. 24, n 2, p.15-32, jul-dez, 2019. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/55373/33644>. Acesso em: 20 abr. 2021

TOLEDO-LUCENA, Cibele. **Beijo de Línguas** - quando o poeta surdo e o poeta ouvinte se encontram. 2017. 154f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - PUC, São Paulo, 2017. Disponível em: <https://tede.pucsp.br/handle/handle/20478#preview-link0> Acesso em: 23 ago. 2021

VITAL, Bruno. **Desenho Cartográfico**. São Paulo. Disponível em: <https://brunovitalalcantar.wixsite.com/meusite/desenho-cartografico> Acesso em: 13 nov. 2021